

Paradigmas do ganho de produtividade

Regis Bonelli *

Muito se tem falado sobre os ganhos de produtividade da economia brasileira na década de 90, sem que se tenha alcançado consenso sequer quanto ao tamanho desses aumentos. Os resultados principais dos estudos existentes se concentram na indústria de transformação e na indústria extrativa mineral, com raríssimas exceções, pouco se conhecendo acerca do desempenho da produtividade nos demais setores. Menos ainda se sabe quanto às implicações desse desempenho. De qualquer forma, existe a percepção de que, ultimamente, tem havido progresso nessa área, percepção essa baseada em alguns poucos estudos e diversos relatos de casos em nível microeconômico.

Nesse contexto, em trabalho recente procuramos obter respostas para as seguintes perguntas: 1) como se compararam entre si os níveis de produtividade de diferentes setores no Brasil e como esses níveis evoluíram ao longo do tempo?; 2) existe alguma tendência à convergência de produtividade entre os diferentes setores na economia brasileira no sentido de caminhar-se (mesmo a médio prazo) na direção de uma certa homogeneidade tecnológica?; 3) como os ganhos ou perdas de produtividade se traduzi-



ram em termos de mudanças de preços relativos?; 4) como se relacionam as variações de produtividade e a renda gerada em cada setor?; 5) e quais as implicações das mudanças observadas na década de 90 para o futuro? Na tentativa de responder pelo menos em parte essas questões, apresentamos um resumo dos principais resultados da pesquisa.

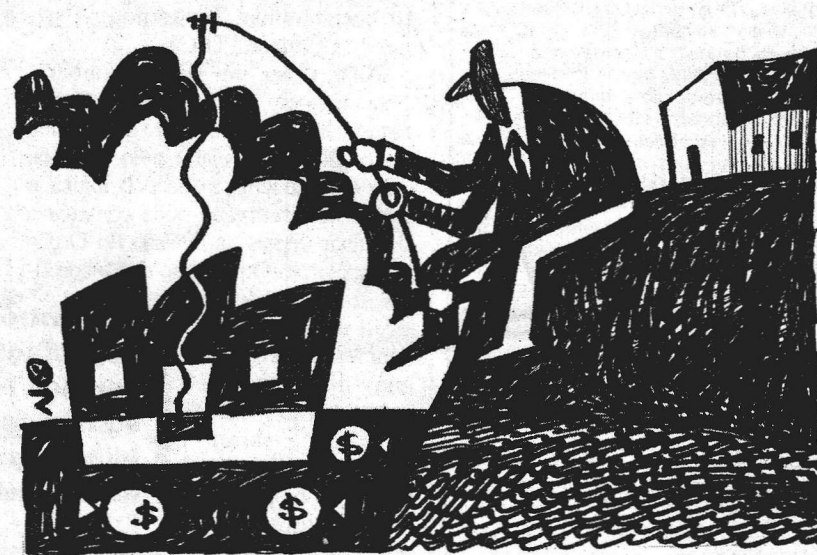
A produtividade média da economia brasileira como um todo é, como se sabe, muito baixa. Afinal, isso é o que indica, indiretamente, o nível do Produto Interno Bruto (PIB) per capita brasileiro, quando comparado com o dos países do Primeiro Mundo. Sabe-se também que as diferenças de produtividade são menores na indústria brasileira do que nos outros setores, embora no interior desse setor seja possível encontrar uma grande dispersão de produtividade por atividades.

Mas foi precisamente na produção de manufaturas — acompanhada de alguns poucos setores não manufatureiros, como os de comunicações, serviços industriais de utilidade pública e indústria extrativa mineral — que se concentraram os principais ganhos de produtividade na década de 90. Estes é que foram os responsáveis por taxas de crescimento da produtividade global no Brasil da ordem de 2,5% ao ano entre 1991 e 1998. Há também

gratas surpresas em setores não incluídos na indústria. Entre elas, o maior destaque é o setor agropecuário, que, embora com níveis de produtividade muito baixos — da ordem de um terço da média nacional —, apresentou crescimento mais do que satisfatório do produto por pessoa ocupada: cerca de 4% anuais entre os anos de 1991 e 1998.

Entre os resultados negativos, o principal é o que revela que uma parte substancial da ocupação no Brasil ainda está concentrada em setores em que não só a produtividade é muito baixa (como os serviços privados não mercantis, os serviços às famílias, o comércio e os transportes), mas também em setores em que a produtividade cresceu pouco ou mesmo registrou retração. Da mesma forma, setores com grande peso no emprego e na produtividade mais alta (como os de serviços às empresas) também apresentaram estagnação nos níveis de produtividade no período analisado.

Além desses resultados, encontramos que: 1) o nível de ocupação na economia brasileira manteve-se aproximadamente constante entre 1991 e 1998, em torno de 60 milhões de pessoas — logo, nota-se sua insuficiência em acompanhar a evolução da PEA, que cresceu cerca de 1,58% ao ano na década de 90; 2) as grandes diferenças entre as produtividades dos diversos setores não



diminuíram no período: a produtividade cresceu mais nos setores em que seus níveis já eram mais altos — logo, houve aumento nos hiatos de produtividade entre setores; 3) a estrutura de ocupação moveu-se precisamente em favor dos setores

Setores com grande peso no emprego apresentaram estagnação nos níveis de produtividade entre 1991 e 1998

de baixa produtividade e em detrimento dos setores de produtividade mais alta (com exceção da agropecuária), o que tende a diminuir a produtividade agregada; 4) existe pouca associação entre ganhos de produtividade e de rendimentos do trabalho e nenhuma entre ganhos de produtividade e variações de preços — isto é, os ganhos não se traduziram em

ganhos proporcionais de rendimento do trabalho e o repasse em termos de redução dos preços relativos foi praticamente nulo.

Quanto às implicações para o futuro, os resultados da década de 90 dão pistas interessantes. A principal delas é intuitiva: para acelerar o aumento da produtividade é preciso elevar a velocidade dos ganhos nos setores em que se concentra a maior parte da mão-de-obra ocupada. No nosso caso, isso significa os setores de serviços, comércio e transportes, principalmente. Nota-se que, mesmo a agropecuária, em que a produtividade média é baixa, apresentou resultados bem favoráveis na década de 90 — embora abaixo do registrado no setor industrial. Já para o setor de serviços como um todo, o crescimento da

produtividade alcançou apenas 1,3% ao ano.

O gargalo para o crescimento mais acelerado da produtividade, portanto, continua a ser o precário desempenho do setor de serviços. É esse, nitidamente, o calcanhar-de-aquiles da produtividade agregada. Isso coloca um grande desafio, pois, dada a magnitude do volume de ocupação nesse setor, de cerca de 55% do total, aumentos de produtividade que impliquem redução do pessoal ocupado contribuirão para a melhoria da produtividade agregada à custa de agravamento da questão do volume de pessoas ocupadas. A condição complementar, nesse caso, é o crescimento acelerado da produção e do nível de atividade.

Por último, deve-se levar em conta que já vêm ocorrendo ganhos de produtividade em diversos segmentos dos serviços, concentrados em determinados segmentos. Mas sua difusão para alcançar a totalidade do setor ainda é muito lenta para justificar otimismo, mesmo num período relativamente curto, a médio prazo. Assim, a maior parte dos ganhos esperados para o futuro continuará a vir dos setores primário e secundário da economia. Na indústria isso pode ocorrer, como vem ocorrendo, com aumento dos níveis de emprego. O problema são as implicações desses ganhos na agropecuária: como elevar a produtividade nesse setor, pela incorporação de tecnologia, sem dispensar trabalhadores? ■

* Economista.